

Educação é poder ou conhecimento?

Ana Paula Menezes de Freitas

Pós-graduação em Educação Profissional – Escola Politécnica de Saúde
menezes-freitas@uol.com.br

Joaquim Venâncio

Pós-graduação (em curso) Orientação Educacional e Pedagógica –UCAM.
Bolsista Pró-Gestão da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz.

Resumo: A escolha do tema proposto para a análise surgiu das minhas constantes indagações, quanto à postura do educador que foi se transformando e perdendo seu estado revolucionário, diante de um processo coercitivo, tanto no seu discurso quanto nas próprias instituições, desde o 1º período de participação em uma instituição que tem como “chão” demarcado de poderes coercitivos ao conhecimento. Isto se relacionando a questão do poder exercido nas instituições escolares e a fragmentação da proposta que não vai de encontro com as nossas reais necessidades.

Palavras-chave: Ética, Poder, Educação, Filosofia.

A proposta inicial se dá como ponto principal o motivo que na maioria das repartições educacionais privadas pensam e reproduzem a educação através de diversos pensamentos elaborados e fincados a uma determinação de um único patamar ao qual o universitário poderia chegar e assim buscar Michel Foucault traduz como objetivo de ao mesmo tempo manter-se corpo produtivo e corpo submisso? Será que, apesar de estudarmos e analisarmos uma pedagogia preocupada com a necessidade do outro, estaremos construindo modelos para a dominação? Segundo Foucault (1979:129) “mas a monografia tomada menos como um estudo de um objeto particular do que como uma tentativa de fazer vir novamente à tona os pontos em que um tipo de discurso se produziu e se formou”.

O autor em questão foi um dos que desafiou o poder estabelecido e que confirmou o discurso numa época que a razão era a fonte de existência humana, onde o saber e o poder estavam intimamente concatenados. Como o próprio no início de seus estudos tinha como linha de estudo de como os saberes foram construídos, sendo Strathern (2003:52):

Foucault reconhecia que o mais importante aspecto do poder estava nas relações sociais. Indivíduos teriam o poder na forma de dominação e coerção, mas mais importante, o poder estava também envolvido na produção e uso do saber. Em meio à complexidade da sociedade moderna, com sua multiplicidade de divisões de poderes, isso parece uma análise mais profunda.

Será que as idéias sempre ficaram perdidas, por falta de essência por encontrar barreiras e diferenças? Como Foucault, de como se estrutura as idéias formuladas para as questões das transformações da humanidade, como:

“... é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços, utiliza um material e processos de relação entre si. O mais das vezes, apesar da coerência de seus resultados, ela não passa de uma instrumentação multiforme” (Ibidem, p.26)

Faço sempre presente a todos que quiserem fazer diferente, no sentido de tornar-se flexível na sua prática que primeiramente seja capaz de assumir sua incapacidade e ao mesmo tempo desvelar o mito que se faz da profissão educador e como se essa profissão fosse capaz de deter todo o saber, partindo dessa tentativa de refletir a qualquer certeza e incerteza que sustenta uma prática pedagógica. Com isso na tentativa estar rompendo o paradigma que o educador é aquele que só orienta e assiste em cima do muro a opressão de vida cotidiana de seus alunos.

O conhecimento apresenta-se de diversas formas através de imagens que são reproduzidas aos sujeitos, como forma de mudança do seu real. Segundo Candeias (1998:131):

“É na verdade de que a instrução, tal como está preparada, tem por fim, não fazer homens compreendedores dos seus direitos dentro da sociedade, mas autômatos que se prestem a soldados de defesa da sociedade, bolsas para o pagamento de imposto.”

A elaboração desta monografia vem trazer a contribuição de Michael Foucault de como se entrelaçam e como caminham uma tentativa de mudança do ideário educacional.

Como Foucault (1979:XIV) “...tanto o deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua... o objetivo da análise é estabelecer relações entre os saberes.....e não julgado a partir de um saber posterior e superior”, ou seja o homem ao

mesmo tempo que detém o conhecimento para fazer parte da sociedade torna-se instrumentalizado para estabelecer regras de convivência. Por isso que o conhecimento é uma forma deste sujeito estabelecer relações que poderão dar-lhe diversas sugestões ou alternativas de poder que poderá representar.

Para Michel Foucault, a escola exerce sua função de forma egocêntrica, pois se muda só a fachada, porém seus principais objetivos continuam os mesmos, independentes da época a ser vivida. Um exemplo claro é que cada vez mais surgiram inovações pedagógicas, onde o sujeito que sofre a ação serão sempre os alunos e não quem pensa e efetiva esses ideais, como se os alunos fossem um vírus que não podem ultrapassar redes interconectadas. Segundo Foucault (2004:17):

“...essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia..... o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado e distribuído, repartindo e de certo modo atribuído”

As instituições escolares é uma passagem, como entramos no ônibus com uma finalidade e saímos sem compromisso do que realmente acontece após, no sentido de que não conhecemos que está ocupando ou até mesmo em pé. E que a passagem é uma autorização para uma próxima etapa como a roleta, quando saltamos desta condução.

Estes conhecimentos ensinados desvinculados com as necessidades de vivência social, parte da seleção de conhecimentos que podemos atribuir que ainda vive-se de saberes inúteis que sustentam toda uma rede que é educativa e se diz educativa, sendo um fato verídico que a sociedade ainda paga para a manutenção desta fragmentação de uma educação que ainda sustenta-se em um discurso maquiador e ao mesmo tempo coeso e sucinto.

Acredito que, após as análises dos livros “Microfísica do poder” e “Vigiar e punir”, juntamente aos estudos de caso, será possível vislumbrar a força que as idéias de Foucault ainda trazem ao campo pedagógico.

Partindo do princípio de que a escola nasce como a necessidade de organização do saber e na tentativa de atender determinados interesses. A exclusão começa a moldar a sua forma e a ser exercida como forma de poder deter esse conhecimento as amarras de um

currículo monopolizador, ou seja, articulado por uma democracia representativa, onde este povo que se insere na instituição é educado para fins de participar “efetivamente da sociedade”, baseado no ato político e democrático sobre a educação dessas camadas populares. Segundo Brandão (1988:11) “A educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificação especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força”.

Desde o seu nascimento a educação esteve atrelada a nossa existência e a diversos interesses, sociais, políticos, culturais e principalmente religiosos. Nesse sentido a cada década afirma-se um “mito” da pobreza das crianças, jovens e adultos das camadas desfavorecidas, “mito” este a direcionar os projetos, leis, enfim diretrizes que nunca se articularam com o princípio educativo.

Como Candeias (1998:132):

“Afiml, não era a “escola para todos” uma reivindicação de todos, e sobretudo daqueles que designamos como povo, ou seja aqueles que agrupamos de uma forma geral nos lugares mais baixos da hierarquia social”.

Sendo estes paradigmas por apresentarem-se de diversas formas nortearam, criaram e criam diversas identificações que Michael Foucault em (1979:XIII) que “toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam dados” que relatam a cada identificação que é direcionada para cada década e com esta mudança, desenvolveu-se uma roupagem para reafirmar os princípios educativos, pois sua teoria e prática tiveram como grande dificuldade a verdadeira construção deste sujeito que não passa dos muros das instituições das escolas, pois o cotidiano da escola tende a ser refratário as desigualdades e resistente as mudanças de construção do conhecimento.

Nesse aspecto Brandão se aproxima de Laraia (2001:46), quando este diz que “é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de maneira revolucionária”.

O maior desafio da nossa contemporaneidade é manter o padrão qualitativo que tem por objetivo de sustentar a demanda do mercado consumidor que em cada fração de

segundo torna o ato de educar compensatório, assim resultante com uma mão-de-obra que pelo ao mesmo seja “educada para escrever seu nome”.

A tentativa de mudança destes desafios da real mudança da educação quantitativa estabelece Foucault dentro da Microfísica dos poderes, com os quais seriam as regras que são embutidas subjetivamente, mas também tão objetivas em nosso código de sobrevivência que acabamos seguindo. Não somos educados para estar em constante metamorfose para a análise de como a realidade está inserida em nós. Exemplo claro deste fato é que não retomamos o que ficou implícito em nossa vida, tentamos a todo o momento fugir da questão que somos nós somos o sujeito, mas estamos sempre disponíveis a analisar o outro. Apenas as barreiras existem a significação de nossos atos, por isso nem todos terminarão a proposta da faculdade de pedagogia, pois este objetivo tem um preço, que significa inúmeras punições por ter ultrapassado além do que é permitido, como Foucault (1979:25) “Em si mesmas as regras são vazias, violento, não finalizado; elas são feitas para servir a isto ou aquilo, elas podem ser burladas ao saber da vontade de uns ou de outros” Sendo estes desafios que não estão sendo colocados em questão às propostas educacionais que se voltam para um indivíduo que se fragmenta, pois seu conhecimento é válido por instantes de segundos.

O conhecimento já não é uma questão de sabedoria para assim estabelecer relações com o outro, mas sim o poder e a forma que eu posso manipular o outro.

Antes de pensar em educação como um todo, temos que analisar os ramos educacionais, como o currículo na forma de manipulação e de poder, no sentido que foi modificado ao longo do tempo pelas políticas educacionais. Ou seja, devemos estar atentos às suas contradições e aos múltiplos olhares que englobam o ensino no decorrer das últimas décadas.

Todas as questões educacionais estão voltadas para o indivíduo e a constante construção do conhecimento, onde este deve reconhecer a diversidade do mundo que o cerca, reconhecer que há diferenças sociais, políticas e culturais, e que ser diferente não significa ser antagônico. O que significa dizer que o respeito às diferenças é condição fundamental para vencermos as desigualdades e ampliarmos as oportunidades educacionais.

Com isso a reprodução de teorias e métodos torna-se uma questão do nosso tempo, por que o momento faz-se surgir algo novo para tentar mudar o que não é

acessível. E essas novas formas do pensar educativo, surgem diversas transformações para a alfabetização para com o domínio da codificação, das palavras e para uma leitura de mundo, onde cada qual se modifica na linguagem, cultura e no próprio pensamento. Como Jolivet (1995, p.185) “.....convém, antes de tudo, comparar o que fomos antes com o que somos hoje, a fim de compreender que se trata, menos de ultrapassar os outros, do que ultrapassar a si mesmo.”

Podemos relacionar que a educação é uma ciência, porém está tornando-se inconsciente para uma alma que não tem consciência de si, onde os sujeitos foram educados e continuam sendo educados pelo mesmo sistema que forja o real princípio do saber aprender e aprender-significando, como Jolivet traduz de forma a “ciência sem consciência não é mais do que ruína da alma”.

Esta ciência nos coloca em questão a que tipo de *esquecimento* transita-se entre as teorias e vice-versa para que a formulação destas tenha algum tipo de efeito ao qual estamos submetidos, para assim resultar em uma prática da sugestão, onde esta se tornar o ato de sugerir o domínio e não de proporcionar o aprendizado para o outro. Não podemos esquecer que a cada proposta ocorre, no sentido de “mudança de visão e de prática educativa”. Porém não se partia do que foi elaborado, mas sim um aproveitamento do início que era reformulado para assim dar novos rumos, com uma teoria tipo uma figura que quando não nos servem mais retiramos com algum defeito e colamos em um novo papel ou quando jogamos fora ainda fica rastro de seus pedaços. Segundo Chauí (2000:59):

“Na medida em que a razão se torna instrumental, a ciência vai deixando de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação, poder e exploração... a razão possa captar uma certa continuidade temporal e o sentido da história, surgindo em seu lugar a perspectiva do descontínuo, do contingente e do local; a existência de uma estrutura de poder que se materializa através de instituições fundadas, tanto na dominação quanto na liberdade...”

Para Foucault a razão instrumental que a autora Marilena Chauí levanta é para o autor em (1979:18) “a razão é a discórdia entre as coisas, é o disparate”, sendo assim não há unicidade, então a educação está fundamentada que o ser humano que vai à escola para sempre esta sendo reaprovável, onde a função principal é ser súdita de uma razão que ainda não está elaborada de acordo a levar todas as questões que envolvam as necessidades

humanas, pois cada um tem uma razão como Foucault define Ibidem, p 160 que “de fato o poder em seu exercício vai muito mais ambíguo, por que cada um de nós é, no fundo, titular de certo poder e, por isso, veicula o poder” e principalmente a educação que usa a razão como forma de tornar-se uma orquestra para os professores, onde cada época e cada eventualidade todos regem suas funções independentes se a platéia aceita a harmonia do som emitido e os que vagam no mundo ficam fazendo do ensino uma loteria, onde se busca quem ganha mais e faz do ensino um mundo imaginário onde discursa que o aluno faz parte do processo de aprendizado.

Então, parto da justificativa de que ocorre neste aspecto é que a educação nasce de um determinado objetivo, assim tornando um instrumento para que este sujeito tenha em suas mãos o poder de revolução. E a razão que vem se sustentando a não mudança para o ato educativo tornar-se flexível as diferenças. No sentido que Villela (2000:108-125) “... o domínio da leitura e da escrita poderia tornar-se um instrumento poderoso para essa organização.... a escola para o povo destinava-se mais a moralizar e disciplinar do que propriamente a instruir.”

A educação brasileira torna-se figurativa por falta de essência, pois nem tudo nos é explicado, porém só as regras de conhecimento e a partir desse pressuposto somos “massa de manobra”.

O que pude verificar nos estágios realizados foi a ausência do encontro da família-escola direcionados para o mesmo caminho, porém o que pude verificar com plena clareza que não há uma proposta alicerçada a um caminho que poderia estar se percorrendo para que ambas as partes não podasse seu espaço. Referindo-se que estas relações só estabeleceram de forma imediatistas, por que ocorre toda ideologia atrás de um pressuposto de um adulto, com isso não há uma análise que é educada para continuar tanto os caminhos de nossos pais e quanto educadores. Segundo Mannoni (1977:68):

“O encontro família-escola ergueu o véu de uma mistificação mas roubou à adolescente o universo privado que era o seu. A aliança dos adultos não lhe deixa possibilidade alguma de fuga; sabe-se que ela é mentirosa, fabulosa etc. Como recuperar o lugar que ela conseguiria ocupar? Como fazer saber, a esses adultos, que a verdade se aloja na mentira- e que a quem a querem a verdade é a própria palavra que se lhe confisca?”

Penso, que muito antes de se pensar em garantir a Educação Básica como base para este sujeito estar inserida nas transformações sociais ocorre à necessidade de não se pensar na dualidade de inserção que muitas das vezes de torna geradora de exclusões. Ibidem, p. 35 “A igualdade de condições para o acesso e permanência na escola vai além de se proclamar que a educação é direito de todos”. Como Sobrinho (1997:161) “Há algum tempo, a educação deixou de ser entendida como atividade restrita no âmbito pessoal e ao contexto da escola, e passou a ser vista como prática articulada e integrada a um projeto de sociedade.”

Direitos obtidos ou não, ocorria à necessidade de se pensar em educação para as classes que era ou não permitida a participar do ensino elaborado. Com isso muito antes de se constituir uma classe de alunos, temos um povo em que Rousseau, dividiu para discernir como era este classificado. Partindo deste pensamento podemos perpassar como o ato de educar tinha o interesse a quantidade de dose dada a esses sujeitos.

Não podemos descartar a contribuição de Foucault (1979), quanto ao filósofo Rousseau, no sentido de que também tinha um sonho de que a sociedade algum dia viria a tornar-se de forma transparente.

Partindo do princípio como uma criança que ainda não foi corrompida pelo sistema social, sendo traduzido de forma visível e legível o segmento de que essa nova sociedade deveria estar traçando um novo caminho.

Perpassando estes ideais, Rousseau pressupõe o lado obscuro social, porém esqueceu-se que nós seres humanos somos agentes sociais e que participamos do fato social que ao mesmo tempo é duvidoso, como o próprio ser humano.

A educação popular começa a ser descartada pela aristocracia e pela origem das faculdades e não pela estrutura escolar, pois esta pagava o preceptor para a efetivação do ensino proposto. Sendo que ocorria a descentralização, por que a inclusão primária passa para a responsabilidade da província que se mostra à desigualdade e as condições escassas e precárias. A autora Vanilda Paiva mostra a heterogeneidade e diversidade da educação no Brasil, onde há províncias ricas, pobres e do coroleinismo que não valia levar a frente este ideal do processo educativo para seus escravos por um ideal econômico. Sendo este o fator que dificultava por que o governo central federal também impossibilitava a expansão da educação no Brasil, assim esta camada aristocrata trazia as múltiplas interdições e

silenciamentos para todos os grupos que compõe a camada marginalizada, que compunham senhores agregados, pequenos proprietários, comerciantes, empregados burocráticos etc.

A Lei de 1834 que propiciou uma atitude de inserção e de responsabilidade por parte do governo central em relação ao ensino primário (e, por extensão, ao ensino normal) considerando-a privativa a província. Como Nidelcoff (1994:19) “... a escola que o povo recebe é muito mais a escola que os professores organizam com sua maneira de ser, de fazer e de trabalhar, do que a escola criada pelos organismos ministeriais e pelos textos escolares”

A que tipo de condicionamento as camadas populares como um todo estou submetido pelas instituições escolares. Condicionar este que nos molda como se tivéssemos em algum tipo de cadeia, onde os mesmos que se encontra não há uma proposta de lhes proporcionar um novo viver, por que estes que estão submersos em uma norma de conduta.

Para tal comparação quando este infrator da lei sai deste local, considerado, “liberto” seu mundo não o mais é compatível com o mundo social. Como Silva (2002:215):

“...que a liberdade de expressão é o aspecto externo da liberdade de opinião resume a liberdade de pensamento e da manifestação do pensamento, prevista no art. 5º , IV, da Constituição Federal, não explicitamente referido no art. 16, ora em enxame. Trata-se da liberdade de o indivíduo adotar a atitude de intelectual, artística e a crença na sua escolha, quer seja um pensamento íntimo, quer seja a tomada de posição pública. Liberdade de pensar e liberdade de dizer o que creia verdadeiro. A liberdade de expressão é o aspecto externo da liberdade de opinião”

Podemos relacionar a questão segundo Silva, que a liberdade de expressão também é denominada um poder que também já são construídos não por esse sujeito, mas por sistemas institucionalizados de hierarquias de microfísicas de poderes, como Foucault (1979: XIX) que traduz como ocorre a formação deste sistema “é um diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo, dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem, necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade...”

Para o autor, é muito mais que estabelecer uma regra, pois a reorganização ocorre freqüentemente com um único sujeito que detém todas as formas de expressão do outro. Logo, assim o tempo e o espaço são formas que terão inúmeras leituras de acordo com os procedimentos serem estabelecidas no momento disciplinar.

É como ensinar, os sujeitos que ficam acorrentados por um certo período de tempo, depois são libertos para efetivamente pensar, enquanto o professor instrumentaliza o aprendizado e depois vão para o seu mundo irreal e qual vivem, pois não há uma união entre escola e vida.

Tornando-se assim sujeitos que não acreditam em uma mudança real de oportunidade para todos, colocados como ter abstinência ao real vive-se num mundo ilusório, pois sua realidade já está construída e estabelecida. Como Zilberman in Viana (1944:56), que a oportunidade de um sujeito seria um espaço de socialização de saberes para uma construção efetiva de nós seres humanos. Ao contrário do que vem efetivando-se como a própria autora confirma os pressupostos de Foucault, como “as trajetórias humanas tem igualmente pontes convergentes do despertar para a vida a repressão do desejo, por que os planos e as pessoas falham ou porque as fantasias não correspondem à realidade”. Sendo assim Viana traduz Foucault o quer dizer a todo o momento que temos algo de escondido que passa na peneira as opiniões que não são socializadas, como “só ouvidos apurados ouviram o caminhar dos vermes roendo restos de vida”, assim Foucault busca em nosso interior a dificuldade e imposições colocadas frente a um sistema que a todo o momento converge a imparciabilidade de que o mundo apresenta-se como “ovelhas negras e tão mansas em nossa quietude”, referente ao pensamento de Foucault (1979:XIX) “disciplina é um tipo de organização do espaço. É uma técnica de destruição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualmente, classificatório, combinatório....a disciplina é um controle do tempo”

Muito antes que se forme a liberdade de opinião nós já somos construídos, ou seja, o sistema que temos que carregar e ditar como razão é fincado em nossas raízes e aqueles que desafiam o poder serão punidos ou ficarão para aqueles que virão de geração a geração transformar seus ideais de mudança. Ibidem, p. XXI “É o hospício que produz o louco como doente mental”. E que a escola “moderna”, consonância com seu tempo, propõe uma tarefa que se baseia em métodos para ensinar de forma mais rápida e segura.

Podemos relacionar a questão do negro preso e negro “liberto”, esses dois momentos resumem-se a sua própria negação cultural e participação educativa como sujeito marginal, por que o único momento que se “apresenta” é na lei Leôncio de Carvalho que se constituía por idéias e programas pedagógicos direcionados ao ensino da noite, mesmo assim a Lei Saraiva retira todo esse “direito”. A relação clara deste contexto é o ensino médio no período da noite que é completamente articulado à margem da sociedade. Segundo Carneiro (1998:107):

“...A re-identidade do ensino médio passa pela ruptura da ambigüidade entre academicismo e profissionalização. Busca-se a educação, não, o treinamento. O aluno vai-se educar a partir de uma nova base técnica que exige, crescentemente, uma progressiva capacidade no âmbito do pensamento lógico-abstrato. Com etapa terminal da educação básica, o ensino médio posiciona-se na perspectiva de uma escola básica reconceituada à luz da apropriação de inovações tecnológicas e organizacionais lastreadas por um substrato de conhecimento assegurado por uma formação básica comum e essencial”

A educação hoje e sempre irá se fragmentar na sua proposta de mudança de contexto e da reavaliação dos sujeitos, enquanto não for ampliado o campo de visualização para a transformação do espaço e do tempo dos interesses do corpo docente, como para analisar questões que estão em ebulição a muito tempo: Por que os alunos não estão aprendendo? Educar para quê? Quem educa? Onde começa a educação? O que é aprender? Onde começa o aprender? Qual a minha posição quanto educadora na sociedade? Se pararmos para analisar com um educador, teremos respostas maravilhosas, no entanto totalmente desfragmentada e perdida no tempo com a realidade em que os sujeitos se encontram.

Ser coerente é extremamente difícil, pois a cada dia afirmamos nossas incertezas para o outro. Podemos relevar a nossa condição social em que vivemos, por que a verdade nunca se apresentará de forma clara. Então parto do princípio que a educação nunca saiu de uma prática educativa que está voltada a tornar-se a cada minuto fora do compromisso de se perceber ao outro, que este me completa e que não realizo nada sozinho. Dando, assim o início de nunca garantiu a constante investigação de como está ocorrendo o processo de aprendizagem e investigação desses alunos.

Como Mannoni (1977) que retifica seus ideais que não elaborar uma educação para disponibilizar uma receita única, mas propor um conhecimento que lhes forneça a dignidade de ler e interpretar o que está posto como claro e objetivo para nós sujeitos, como na escola ocorrem diversos conhecimentos que são digeridos no refeitório da instituição, onde se o ensino terminasse num prato de comida.

Sendo a utopia vai neutralizar esses conflitos, por que o que está em questão é que a sociedade cria uma lenda e a partir disso, cria-se uma relação que vai surgir alguém para nos “salvar” da nossa situação de miséria. Sendo um fato natural que é ideológico na construção dessa dominação sobre os outros, como uma leitura que se fará com as categorias religiosas e dos poderes divinos e até mesmo para preservar a coesão da sociedade.

Então esse paraíso que se criou entorno do sagrado e a descoberta do invisível, vai ser inserido no visível pelo europeu e suas concepções do que está escrito na Bíblia, assim passando a noção de que irão governar em Nome de Deus e até mesmo manter essa unidade e coesão.

O contexto estipulado baseia-se na narrativa da fundação do Brasil, como a invenção do europeu, com isso seria dada um novo significado de sua realidade, não através do racional e sim o religioso, por que a sociedade não lê o mundo a partir do racional e sim do aspecto religioso. E assim muitas teorias, teóricos, projetos, leis enfim foram construídos para principalmente manter a unidade dos sujeitos em sociedade e pensamentos.

Como para Durkheim que o mito não é neutro, carrega valores, idéias, ideais, facções de dominação, onde não se discute a idéia de classes de periferia e subúrbio. Traduzindo de forma coesa como Nidelcoff (1994:19): “Por isso, não se pode fazer uma mudança profunda na escola enquanto não se faça uma mudança social também profunda, que proponha novos ideais comunitários e pessoais como uma nova maneira de ver a realidade e a História”.

A monografia é o detalhe de uma verdade que não está em lugar nenhum, mas sim possibilitando uma diretriz de coerência do que não se tem visto e percebido na educação. Logo, Foucault nos deixa nessa diretriz de que tudo que foi direcionado em nome de Deus, como forma de manipulação, pois não era educar ninguém, só era a cultura

e censura de elevar o homem para deus, no momento principalmente de teocentrismo para antropocentrismo, que surgia assim um novo diálogo que não era permitido até então. E também para perpassar como a voz do outro sempre foi impossibilitada nas suas transições de evolução.

A educação por si só já é estruturada como uma máquina que produz saberes para uma matéria-prima morta, com composições inalteráveis, por que Foucault (1979:119) coloca-se a frente de sua existência e de ter contribuído mais que a vida pode lhe proporcionar que o “poder na verdade, não se exerce sem que existir alguma coisa”

A ciência do pensar além, nunca exigiu tal qualificação, por que instituições de ensino existem em qualquer lugar e com qualquer um. Por isso ser educador é ser pressupostamente ser comparado com qualquer coisa que enfeite nossa sala. Agora a proliferação do ser humano é tratada com especialização e não é em qualquer lugar, exemplo claro é o embasamento teórico que se dá as outras profissões que surgiram para orientar a elite, como Advocacia, Medicina e principalmente dentre estas.

Tendo uma visão pura e tácita quanto a ser educador, é que virão em inúmeros, porém poucos finalizarão seus objetivos se não quiserem tornar-se seres amorfos. Segundo Foucault (1979:189,190 e 191):

“...As ciências humanas não se constituíram gradualmente através do processo da racionalidade das ciências exatas. O processo que possibilitou fundamentalmente o discurso das ciências humanas foi a justaposição, o confronto de duas linhas, de dois mecanismos, de dois tipos de discurso absolutamente heterogêneos: de um lado, a organização do direito em torno da soberania, e do outro o mecanismo das coerções exercidas pelas disciplinas.....e, por outro, de utilizar um sistema de referências psicológicas retirado das ciências humanas, isto é dos discursos e práticas que pertencem ao domínio disciplinar”

Tira-se de função da escola analisar e buscar quais as estruturas que este sujeito passa ao adentrar numa instituição, pois a única função do educador hoje é de reduzir à problemas psicológicos, pelos inúmeros fatores de tempo, reconhecimento pessoal e econômico que não tem como valorização. Por isso passamos para o outro a nossa função de educar em sentido completo.

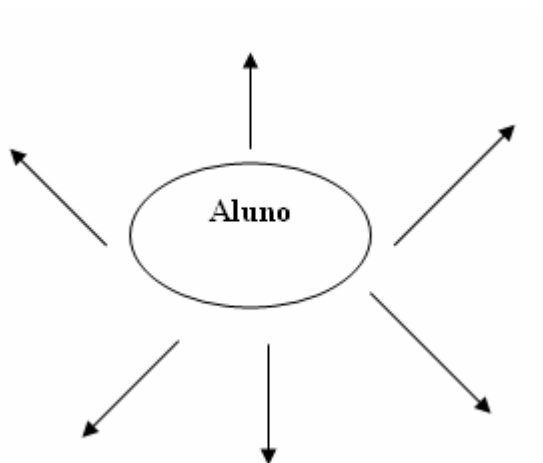
O que está embutido em nós tanto o poder das instituições carcerárias e, sobretudo nos espaços escolares. Como Foucault (1987:105) “A questão do processo de punição se iguala tanto na escola quanto no sistema carcerário”.

O Panóptico, permitiria a avaliação da qualidade da administração dos corpos, como uma observação abstrata pelo real motivo de justificar o controle mais determinado sobre as massas, tornando-se assim muito mais dinâmico uma análise minuciosa para catalogar e após individualizar os objetos. Refiro-me a objeto, pois na evolução de todos os seres humanos nunca fomos considerados sujeitos, mas sim uma peça para efetivar os objetivos de uma interrupta evolução humana.

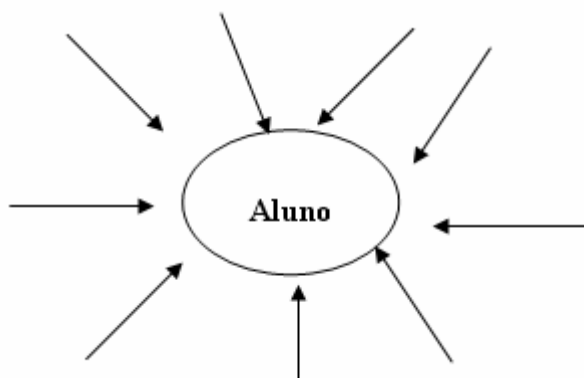
O panoptismo foi uma tecnológica na ordem do poder da produção. Esta invenção tem de particular o fato de ter sido utilizada em níveis inicialmente locais; escolas, casernas, hospitais. Fez nesses lugares a experimentação da vigilância integral. Aprendeu-se a preparar dossiê, a estabelecer as notações e a classificações, a fazer contabilidade integrativa desses dados individuais.

Porém, essa estrutura proposta é o inverso da finalidade de uma instituição escolar, que o aluno seria o centro, no entanto este se encontra como um produto final do topo.

No panoptismo o fluxograma seria assim:



Na escola, o inverso seria que o aluno fosse a fonte de análise e conhecimento, como finalidade dos meios e fins. Como o fluxograma a seguir:



Pude perceber através desta pesquisa realizada ao que Foucault narra com as ambivalências que são construídas nos corpos em (1987:106):

“Quanto aos instrumentos utilizados, não são mais jogos de representação que são reforçados e que se faz circular; mas formas de coerção, esquemas de limitação aplicados e repetidos. Exercícios, e não sinais: horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares, meditação solitária, trabalho em comum, silêncio, aplicação, respeito, bons hábitos. E finalmente, o que se procura reconstruir nessa técnica de correção não é tanto o sujeito de direito, que se encontra preso nos interesses fundamentais do pacto social: é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele. Duas maneiras, portanto, bem distintas de reagir à infração: reconstruir o sujeito jurídico do pacto social- ou formar um sujeito de obediência dobrado à forma ao mesmo tempo geral e meticulosa de um poder qualquer”

A educação é uma estrela que não tem luz própria, como Foucault em *Ibidem*, p. 155- 156 “...só recebem luz daquela parte do poder que lhes é concedida, ou do reflexo que mostram um instante”, onde sua iluminação assegura a garra do poder que exerce sobre os corpos, como o fato de ser visto sem cessar e de sempre poder ser visto, ao qual mantém o indivíduo no regime disciplinar. O pensamento de Foucault em *Ibidem*, p. 160, confirma que *Vigiar e Punir* e talvez educar é “Quanto mais o homem é detentor de poder ou de privilégio, tanto mais é marcado como indivíduo, por rituais, discursos, ou representações plásticas”.

“Ser intelectual era um pouco ser a consciência de todos... Um novo modo de “ligação entre teoria e prática”, foi estabelecido. É o que eu chamaria de Intelectual “específico” por oposição ao Intelectual “Universal”. O intelectual era por excelência o escritor: consciência universal, sujeito livre, opunha-se àqueles que eram apenas competências a serviço do Estado ou do Capital (engenheiros, magistrados, professores) O professor e a universidade aparecem, talvez não como elementos principais, mas como “permutadores”

Partindo da análise do Curso de Pedagogia, sua proposta é relevante no sentido de estar direcionada a uma nova visão de mundo e sociedade. Pois o núcleo central parte do questionamento das transições de educação. Logo resultando na exclusão e numa falsa perspectiva democrática nas instituições escolares.

Quando mencionei a organização e estrutura do curso de pedagogia quis relacionar a desorganização de uma proposta curricular “flexível”, por que não foi proposto como uma construção. Por que vocês foram contra o princípio da educação que é analisar o sujeito nas suas necessidades e não como um produto. Além disso, não adianta constatar “deficiências” de aprendizagem quando o “tempo para trabalhar aquele assunto, já se esgotou”.

Michel Foucault ao mesmo tempo retoma o outro lado de uma moeda, por que esta dissertação busca analisar como principalmente ocorre uma trajetória de linhas educacionais, então se analisa um educadora e suas MICROFÍSICA de incoerências e na mesma moeda, podemos relacionar o que é realmente a formação de um educador quanto a nível superior, como esta mesma educadora já passou. Por isso, são propostas que não dilaceram nossa realidade, apenas buscam argumentos e não ações imediatas, portanto ficando só na abstração dos fatos.

A questão primordial para Foucault é que educar é rebater a estrutura padrão e o que somos, pois os valores que temos não foi algo que construímos. Mas está em busca do que poderemos ser, conseguindo no fim ser outra pessoa, daquilo que realmente colocamos como verdade, pois Foucault (1979:114):

“A verdade aí não é aquilo que é, mas aquilo que se dá: acontecimento. Ela não é encontrada mas sim suscitada: produção em vez de apofântica. Ela não se dá por mediação de instrumentos, mas sim provocada por rituais, atraída por meio de ardis, apanhada segundo ocasiões: estratégia e não método.”

E a todo o momento pensamos a Pedagogia à vida ou a conceitos? Outros estudantes virão como as escolas estarão longe de desaparecer como as cadeias, assim ambos surgirão com outros fins e outros protagonistas. Sendo que não será preciso que as instituições estejam vazias de intelectuais para que estejam desabilitadas. Partindo de Ibidem, p.114“...a relação não é do objeto ao sujeito de conhecimento. É uma relação ambígua, reversível, que luta belicosamente por controle, dominação e vitória: uma relação de poder.

Sendo assim a escola é uma estrutura lógica, pois é tácita ao marcar em seus sujeitos a forma correta de viver e reproduzir a sociedade existente, como Nidelcoff (1994:10 e 18) relata que “É inútil que nós, professores, tentemos ignorar a situação: as crianças chegam já com diferentes possibilidades, e as oportunidades que perderam são IRRECUPERÁVEIS.....a escola, como instituição, geralmente confirma e assegura a estrutura social”.

Analisando a questão dual da educadora em questão quanto sua postura e identidade, busco a clareza que para Foucault (1979:29 e 34):

“Cremos que nosso presente se cópia em intenções profundas, necessidades estáveis; exigimos dos historiadores que nos convençam disto. Mas o verdadeiro sentido histórico reconhece que nós vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos....a dissociação sistemática de nossa identidade, bastante fraca contudo, que nós tentamos assegurar e reunir sob uma máscara, é apenas uma paródia: o plural o habita, almas enumeráveis nela disputam.....não tem por fim reencontrar às raízes de nossa identidade”

Em compasso ao Pensamento de Foucault traz a questão de como paulatinamente essa identidade tida como nossa de povo à nação foram construídas atrás de um véu, sem sua própria origem. Tendo com isso o exemplo mais claro é a questão é de ao mesmo tempo pertencer a uma humanidade e diferenciar-se desta, através de uma determinada origem não no aspecto global, como DAMATTA (2001:16)“ Mas como é que sei o que sou? Como posso discutir a passagem do ser humano que nasci ?. Para Stuart Hall a

problemática de que baseia-se numa nova visão de uma identidade que não é única e sim múltipla, as invenções, progresso e teorias evolucionistas, surgiram para especificar uma raça que dominava e estruturava os nossos alicerces, apesar de se propor o novo.

Pude observar também como as relações entre educador e educandos estão se distanciando e enfraquecendo a cada fração de tempo, pela falta de respeito, de compromisso e de responsabilidade. Para Foucault (1979:XIX) “... o poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber”.

Ao término do trabalho pude concluir segundo Foucault (1979:113) “No fundo da prática científica existe um discurso que diz: “nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo o momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no momento está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada” É como narrar uma ideologia sem sentido, pois tudo está pronto e encaixado, porém Foucault chama a atenção de que tudo que informa cria manipulação e uma falsa verdade, do que é natural e inquestionável. Então, temos que viver independente de ter uma visão certa do hoje e do futuro, pois as regras não representam o homem unificado, mas sim um homem múltiplo, que faz sua própria realidade e história. Ocorrendo, assim a necessidade de um anti-movimento, onde pode se nomear, desintegrar e abalar as estruturas existentes. Segundo Rocha (1994:32) “Assim como os evolucionistas ao dispensarem o “trabalho de campo” e a relativização, acreditando-se capazes de ter todo o conhecimento do “outro” dentro de si mesmos, acabaram impossibilitando de achar alguns “cavalos importantes”

A conclusão desta monografia volta a ponto de início e deixa para o leitor a questão de estar a todo o momento revendo suas práticas e deixo este pensamento, para os que quiserem terminar seus objetivos para a reformulação de um mundo melhor, como: Como um homem de moral pode viver o código da moral num mundo imoral?. Onde o ser humano é a inconstância de hipóteses e dúvidas, por que o cada momento tenta descobrir a ramificação de uma árvore genealógica. A disparidade que toma conta de nossa relação para com outro, onde e qual o sentido da ação humana pode perder-se na sua imanência das coisas. Para Strathern (2003:51) “O conhecimento tinha um propósito: era caracterizado por uma vontade de dominar ou apropriar.”

Como Michel Foucault (1979) faz a ligação do processo de um fio condutor social que não pode ser negado, perante a nossa participação ser classificada como um fato

natural de inexistência que independe de participação efetiva, como valores supremos inspiram e legitimam os atos humanos como se fossem inatos é o que o autor Skinner (1977:91) também ressalta que, “o comportamento humano é complexo demais para ser deixado à experiência casual, ou mesmo organizada no ambiente restrito da sala de aula”. Para Paul Satrathein narra Foucault em 90 minutos que (2003:21) “ A verdade sobre si mesmo não era algo dado, algo que temos de desvendar é algo que devemos criar sozinhos”. A partir de sua juventude Foucault teve como pressuposto de Nietzsche que após reformulou traduzindo de forma Ibidem, p.21 “até a própria humanidade não passava de umas estruturas sociais, criadas pelas forças culturais em constantes transformações”. Esta ligação entre Satrathein, ao pensamento de Foucault e Nietzsche, que o progresso onde todos estão ligados e que ao mesmo tempo díspares.

Logo a educação sempre cria outro personagem para nós mesmos, pois independe de minha vivência anterior, a escola já vem embrulhada como a evolução taxada ao homem que tem que nascer, desenvolver, reproduzir e morrer. Assim o aprendizado reduz-se a etapas e não a processos, pois não estou só aqui para cumprir metas, estou aqui para acrescentá-lo algo, mostrar que a vida é parceria e não um manual de instrução.

O educador é aquele impõe uma DESRAZÃO a todo progresso de ensino e aprendizagem, pois não aprendemos a viver só após do portão para dentro da escola, pois há vidas ao lado externas das grades e regimentos a serem seguidos. Partindo da questão do discurso que para Michel Foucault (2003:37) “...discurso..., isto é, a acumulação de conceitos, práticas, declarações e crenças produzidos por uma determinada episteme.” Um exemplo claro é que os educadores buscam uma forma de adaptar o ensino a seus educandos, porém não tentando desenvolvendo suas identidades, ao perguntarem-se do realmente desejam quanto educadores?

E assim estabelecer rumos, metas coerentes a desfrutar de um conhecimento que está perdendo-se cada minuto que individualizamos todas as questões sócio-culturais do desenvolvimento da humanidade.

Que preço teremos que pagar para os que ficaram perdidos no caminho? Sabemos o que queremos? Que novo caminho estamos buscando? Quem deixará no mundo?

As pessoas que estiveram presentes no estágio ao qual realizei pude perceber nenhuma participação desses novos sujeitos que farão parte de uma outra humanidade e

quando visualizei e refleti a fala da educadora ficou claro sua dicotomia, indecisão frente ao futuro maquiador e revelador de imposições que esperava essas crianças.

Portanto, muitos desafios de homens haverão de surgir contra própria existência, para produzir e desconstruir saberes contra o todo processo maquiador que os próprios homens produziram para a dominação de outros homens, num processo de ação e reação.

Neste espaço delimitado a educação torna-se mais uma relação de poder do que o próprio conhecimento, onde o homem não mais se estrutura na sua essência mais sim na sua existência como análise para suas descobertas e invenções.

Referências bibliográficas

CANDEIAS, Antonio “Modelos alternativos de escola na transição do século XIX para o século XX” in SOUZA, Cynthia Pereira, Catani, Denise Bárbara (Org.) [et al]: *Práticas educativas, culturais, escolares a profissão docente*. São Paulo: Editora Escritoras Editora, 131-142p.

CARNEIRO, Moacir Alves. *LDB fácil: Leitura Crítico-Compreensiva: Artigo a Artigo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 7º Edição, 220p.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 12º Edição, 440p.

COETZEE, J. M. *Desonra*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 246p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège De France, Promulgada em 12 de Dezembro de 1970..* Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Editora Edições Loyola, 10º Edição, 79p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução e Organização de: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 296p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento das prisões*. Tradução e Organização de: Raquel Ramallete, Petrópolis: Editora Vozes, 26º Edição, 1987, 288p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 17ª Edição, 1996, 165p.

GENTILI, Pablo (org) et al. *Pedagogia da Exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública*. Tradução de: Vânia Paganini Thurler e Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8ª Edição, 2001, 303p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de : Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A , 2002, 7ª Edição, 102p.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Avaliação: mito ou desafio: uma perspectiva construtivista*, Porto Alegre: ed. Mediação, 32ª Edição, 2003, 104p.

JOLIVET, Régis. *Curso de filosofia*. Tradução de: Eduardo Prado de Mendonça. Rio de Janeiro: Editora Agir, 19ª Edição, 1995, 447p.

LARAIA, Roque de Barros: *Cultura um conceito antropológico*, Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 14ª Edição, 2001, 117p.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Para que servem as escolas?*, Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, 228p.

LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2ª Edição, 2000, 608p.

MANNONI, Maud. *Educação Impossível*. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977, 320p.

NIDELCOFF, Maria Teresa. *Uma escola para o povo*. Tradução de: João Silverio Trevisan: São Paulo: Editora Brasiliense, 37ª ed., 1994, 102p.

PAIVA, Vanilda Paiva. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Editora Loyola , 1987, 368p.

PAIVA, Vanilda. *Paulo Freire: e o nacionalismo desenvolvimentista*. São Paulo: Editora Graal, 2000, 239p.

RIOS, Azerêdo Terezinha: *Ética e Competência*: (Questões da Nossa Época; v.16), São Paulo: Ed. Cortez, 11º ed. , 2001, 86P.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é Etnocentrismo* (Coleção primeiros passos: 124), São Paulo: Editora Brasiliense, 11º Edição, 1994, 94p.

SILVA, Tomaz da Silva, *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2002, 3º reimp., 156p.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Tecnologia do ensino*. Tradução de: Rodolpho Azzi. São Paulo, Herder: Editora da Universidade de São Paulo, 1972, 260p.

STRATHERN, Paul. *Foucault (1926-1984) em 90 minutos* (Filósofos em 90 minutos). Tradução: Cassio Boechat; consultoria Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Ed., 2003, 84p.

TELES, Maria Luiza Silveira. *Educação: A revolução necessária*, Petrópolis, Rio de Janeiro: ed. Vozes, 5º Edição, 2001, 85p.